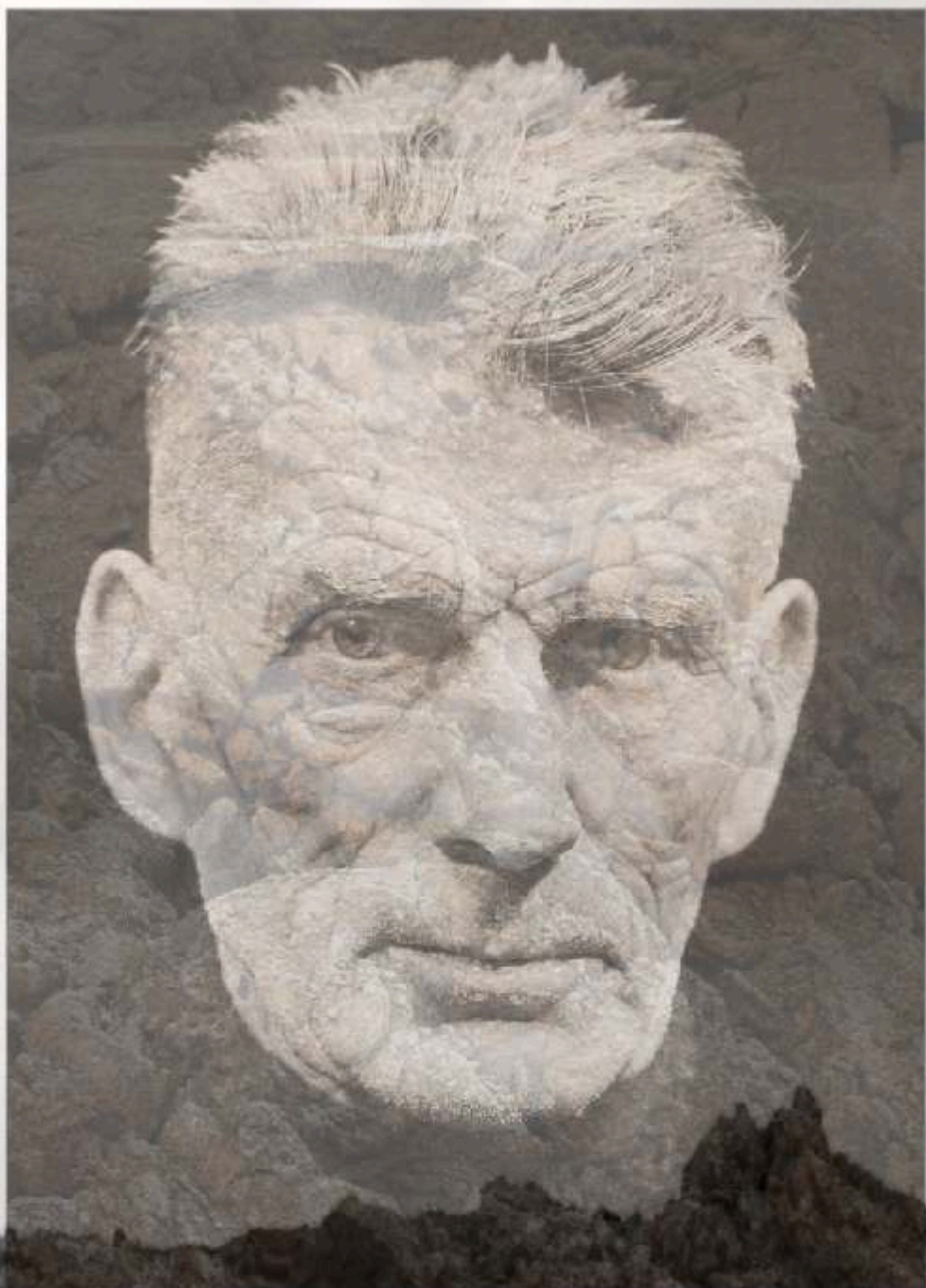


# DRAMATÍCULOS 2

*Eu não, Acto sem Palavras I e Cadeira de Embalar*  
de Samuel Beckett



**Rainha**  
TEATRO DA RAINHA

## Ficha Artística

Tradução e Dramaturgia Isabel Lopes  
Encenação Fernando Mora Ramos  
Design sonoro Carlos Alberto Augusto  
Desenho de luz Carina Galante  
Cenografia e Figurinos Teatro da Rainha

### *Eu não*

Voz (no sentido de personagem) - BOCA - Interpretação de Isabel Lopes

### *Acto sem palavras*

Personagem - Um homem - Interpretação de Fábio Costa

### *Cadeira de embalar*

Mulher sentada - Interpretação de Isabel Lopes

"Deus Ex Machina" Alexandre Calçada

## Ficha Técnica

Montagem e operação de Som e Luz Carina Galante  
Construção e Montagem Filipe Lopes  
Construção Cadeira de Embalar José António Malhoa  
Costureira Atelier de Costura Ângela Vicente  
Comunicação Vera Marques  
Fotografia de cena Margarida Araújo e Paulo Nuno Silva  
Imagem e design gráfico Margarida Araújo

# Do Averso

As formas da morte são cursos de vida. Ao contrário do que possam julgar peritos do em cima do joelho e da leitura oblíqua, estamos perante uma vontade de viver, uma vitalidade resistente e constante, exercida e exercitada, através de uma prática obcecada, estética, da forma mínima e faces várias: o que se vê, o que se ouve, o que se instala como rítmica semântica e sensorial, pertence ao universo das formas breves.

Não há histórias inteiras nem história, há fragmentos, digressões caóticas, instantes, há dispositivos nas três peças, e uma radicalidade artística que não cede ao expectável (esse “absurdo” que lhe puseram em cima e que não lhe cola), — essa doença de confirmar o que é feito para ser confirmado e que por isso mesmo não é arte. O que Beckett escreve é inesperado — e não é para agradar, é aliterário, espectacular, forte de economia de meios — e cru, irrecuperável para uma mediatização - celebração ou espectacularização - que lhe retire a escala: são dramáticulos, amor do íntimo e do real existencial, do cérebro-corpo, do que emerge no instante que é também longa duração.

A escala, sendo mínima é, no entanto, a da máxima extensão existencial e a da própria condição cósmica do humano, sentidos em conexão com um tempo e um espaço concretos em cena e plenos de abstracção: um mundo finito e global, sequências de imagens repetitivas sugerindo outras pelas palavras, uma acústica disposta no espaço, a teia de um solipsismo inelutável que a Boca, o Corpo do actor e a Actriz embalada assumem.

# *Eu Não*



Isabel Lopes

O jorro segue incontinente. Quem fala não é quem fala, isto é, quem fala não é quem escreve e quem escreve não é quem jorrou as palavras - o texto joga aos sujeitos de elocução e esse jogo é o seu divertimento, tal como o sol brinca às escondidas com as nuvens. Boca é a entidade cénica que Beckett inventa e tem uma autonomia absoluta. Não se trata de fazer o jogo habitual dos universos referenciais, é perceber que a tal reconstituição artística de um real se emancipa deste. A cena é um mundo, podendo ser o mundo. Uma vida não são as vidas. Um momento que concentra todos os que o jorro sofre, jogando a vida nos 20 minutos da performance labial. Mais uma vez os limites tocam-se, umbilicalmente ligados, um mesmo gesto, nascer e morrer.

# *Acto Sem Palavras I*



Fábio Costa

*Acto Sem Palavras I* é um ensaio antropológico. A descoberta das mãos como um outro das patas, diferenciado, é a tal evolução, caminho de avanço retrocedente. E descobrir os processos associativos como inteligência das coisas é também processo. E não é lógico, silogístico. Procede por recuos e avanços. Avança-se na dor, corpo jogado ao chão, a cada tentativa errada. Errando de novo. A descoberta da técnica é um jogo de crianças: um cubo sobre um cubo sobre outro cubo faz um escadote. O equilíbrio é outro assunto. O instrumento vai ganhando consistência equilibrante. Experimenta-se. E cai-se. Mesmo suicidar-se é uma técnica, o laço em torno do pescoço e o tronco da árvore. Mas a árvore sai do sítio, vai para bastidores e de bastidores foi ele expulso violentamente. A tesoura? Corta, é um instrumento cortante que cai da teia sem que se perceba o que é a teia, esse céu de manipulações. Como os bastidores. A caixa de cena é uma máquina de torturar. O jogo do actor um percurso antropológico. Para que servem as mãos? O que são as mãos e que memória há nelas do a quatro patas? A tesoura é um instrumento que corta, prova-o nas unhas. E que tal no pescoço? Mas a tesoura recolhe à teia, como o lenço de bolso e o laço: a mesa da cirurgia suicidária e experimental estava montada. A vítima em carrasco de si mesmo. Eu não, vamos a isto: de costas voltadas, erecto mas deitado de lado, o actor olha o público e como Bartleby diz: preferia não o fazer, não voltar a fazê-lo, a engrenagem é posta em causa pelo que parece uma desistência.

# *Cadeira de Embalar*



Isabel Lopes

O movimento de balanço da cadeira é uma peça musical: a *berceuse*. É suave e aplicado a adormecer a criança, o nascituro. A velha senhora, toda olhos, espreita pela janela o único exterior com que convive e espera ser olhada por um par de olhos semelhante, na condição, alguém como ela, enquanto o balanço corre, cadenciado e a leva para o fim, quando desce o estore.

## Teatro da Rainha 2016

Fernando Mora Ramos Direcção Artística  
Ana Pereira Direcção de Produção e Finanças  
José Carlos Faria Direcção/Cenógrafo  
Encenadores convidados Paulo Calatré e Luís Varela  
Elenco Isabel Lopes, Carlos Borges, Raquel Monteiro, Paulo Calatré, Fernando Mora Ramos, José Carlos Faria e os estagiários Alexandre Calçada, Maria Quintelas e Fábio Costa

Equipa Técnica de Luz, Som e Montagem Carina Galante e Filipe Lopes  
Comunicação e Públicos Vera Marques  
Design e Maquetagens Margarida Araújo  
Fotógrafos Paulo Nuno Silva e Margarida Araújo

Alunos Estagiários Curso Profissional de Artes do Espetáculo-Interpretação do Colégio Rainha D. Leonor  
Alexandra Coelho, Ana Lopes, Beatriz Mendes, Cristiana Gageiro, David Ferreira, Diana Gata, Gaspar Fiuza, José Ferreira, Mafalda Taveira, Márcia Almeida, Mariana Costa, Rita Fonseca, Samuel Martins e Tatiana Ferreira

Informações e reservas  
262 823 302 | 966 186 871  
[geral@teatro-da-rainha.com](mailto:geral@teatro-da-rainha.com)

Apoio à divulgação



Companhia financiada por



Siga-nos



